

12º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2021

A CIDADE E OS “OUTROS”: A PRESENÇA NEGRA NA CONSTRUÇÃO DAS CIDADES

BEATRIZ SILVA SANTANA ¹, GISELLY BARROS RODRIGUES²

¹Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Bolsista PIBIFSP, IFSP Campus São Paulo, b.santana@aluno.ifsp.edu.br.

²Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Professora EBTT, IFSP Campus São Paulo, giselly.barros@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 6.04.01.01-0 - História da Arquitetura e Urbanismo.

RESUMO: As histórias das cidades foram contadas a partir da perspectiva eurocêntrica branca, que apagou - e ainda tenta apagar - a presença negra na construção e desenvolvimento das mesmas. Essa prática contribuiu no apagamento de parte da identidade da população negra brasileira, que continua lutando para destacá-la e evidenciá-la. Parte desse apagamento pode ser observado nos territórios que ao serem odernados pelos “dominadores”, são maximizados a marginalização dos negros. Nesta pesquisa buscamos compreender a conceituação de território em amplos sentidos - geográficos e a partir das sociabilidades - além de observar a resistência negra e formação dos seus territórios a partir das sociabilidades negras, com objetivo de criar uma narrativa decolonial destacando a memória e identidade negra daqueles e daquelas que seguem resistindo e sobrevivendo ao racismo estrutural.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Territórios negros; História antirracista; Perspectiva decolonial; Educação das relações étnico-raciais.

THE CITY AND THE "OTHERS": THE BLACK PRESENCE IN THE CONSTRUCTION OF CITIES

ABSTRACT: The cities' stories were told from a white Eurocentric perspective, which erased - and still tries to erase - the black presence in their construction and development. This practice contributed to the erasure of part of the identity of the Brazilian black population, which continues to struggle to highlight and evidence it. Part of this erasure can be observed in the territories that, when ruled by the “dominators”, the marginalization of black people is maximized. In this research, we seek to understand the conceptualization of territory in broad senses - geographical and from sociabilities - in addition to observing black resistance and the formation of their territories from black sociabilities, aiming to create a decolonial narrative highlighting the black memory and identity of those that continue to resist and survive the structural racism.

KEYWORDS: Memory; Black territories; Anti-racist history; Decolonial perspective; Education of ethnic-racial relations.

INTRODUÇÃO

De acordo com Chimamanda Ngozi Adichie (2019), como e quando as histórias são contadas dependem de quem usufrui do poder, estes são responsáveis também por tornar essas narrativas histórias definitivas. Entende-se, que narrativas distorcidas tem como função a manutenção de poder, sendo que as histórias da população negra foram narradas por aqueles que estão no poder - os brancos.

A figura do homem branco, proprietário de terras, era - e ainda é - símbolo de poder, que não somente conduz as narrativas, como é responsável por ordenar os espaços das cidades, marginalizando os povos negros. Milton Santos (1988) afirma que estes espaços são influenciados de maneira direta ou indireta pelo processo produtivo do local, a economia escravista, formando assim uma organização hierárquica do território.

Para Raquel Rolnik apesar das cidades serem produzidas a partir de uma arquitetura opressora, nota-se a criação de um sentimento de comunidade negra em terras brasileiras, fundamentado em autopreservação, dando início aos territórios negros (ROLNIK, 1989). Dessa forma, o estudo sobre o território negro pode ser entendido como uma forma de resgate de parte da identidade da população negra que é constantemente negada, para Michelle Farias Sommer relata o espaço-território negro possui importância simbólica e dialoga com signos que reproduzem memória coletiva para essa população (SOMMER, 2005).

A temática global desta pesquisa é sobre a presença negra nas cidades, como a pesquisa encontra-se em andamento, estamos na fase dos estudos dos territórios negros e as sociabilidades que ali incidem. Assim, o objetivo desta pesquisa é colocar a população negra no centro da discussão evidenciando parte de sua memória que tentaram apagar, com a finalidade de fortalecer essa discussão busca-se uma narrativa pautada na perspectiva decolonial reforçando a identidade negra, além de proporcionar a ampliação das discussões sobre o estudo da história e cultura afro-brasileira, edificando nossa história e apresentando as influências desses indivíduos - negros e negras - sobre o território.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi fundamentada em revisão bibliográfica, analisando na literatura o eurocentrismo e o período colonial, mostrando sua permanência nos dias de hoje, além disso buscamos entender como o negro é retratado como o “o outro”, demonstrando o racismo presente na sociedade. Por fim, analisaremos como o racismo estrutural influenciou de forma direta as histórias contadas no Brasil e as marcas evidentes realizadas pelos indivíduos sobre o território. Essa narrativa está sendo contada de uma perspectiva decolonial, buscamos na literatura autores e autoras fora do eixo europeu branco, utilizando autores essencialmente latino-americanos, africanos, afro-brasileiros, negros e mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O eurocentrismo propaga a ideia de superioridade racial branca e europeia, Abdias Nascimento diz que a inferiorização da cultura negra parte desta “cultura universal”, criando um imaginário de que os africanos trazidos para o Brasil de forma forçada, eram “selvagens” e desprovidos de qualquer inteligência (NASCIMENTO, 1997). Para Deivison Mendes Faustino, os europeus se afirmavam - e ainda afirmam - como um povo universal, enquanto colocavam a cultura africana e seus descendentes como algo a se temer, trazendo ainda mais negatividade ao povo que era tratado com inferioridade pelas pessoas à sua volta (FAUSTINO, 2013).

Desta forma ocorre a alienação colonial, segundo Faustino (2013) a partir desta criou-se barreiras impedindo que os povos oprimidos se identificassem como parte de um grupo que foi extremamente segregado pelos brancos, tornando mais difícil os colonizados se reconhecerem como seres humanos. O autor explica que os oprimidos foram submetidos aos estereótipos impostos sobre eles, como a forma dos brancos retratarem o negro como o “outro”, um indivíduo sem desenvolvimento, sem história, sem escrita, sem religião e sem cultura. Segundo José Rivair Macedo esse termo é utilizado na tentativa de ratificar o atraso do povo colonizado para os europeus, mostrando o racismo explícito praticado pelos brancos nos indivíduos negros - os outros - transferindo a expressão de inferiores e indesejáveis (MACEDO, 2016).

O “outro” que foi subordinado pela branquitude, se sente invadido como um pedaço de terra, onde o branco tem a necessidade de recuperar seu lugar de poder sobre os negros, tentando dessa forma reestabelecer traumas do período colonial ao racismo do cotidiano conforme diz Grada Kilomba (2019). Já Macedo (2016) afirma que o outro é rejeitado, com a justificativa de ser diferente, pois sua língua e crença não são iguais às do branco europeu, assim o negro é inferiorizado, explorado e anulado como forma de violência.

A partir disso, o negro passa a ser visto socialmente como algo externo, fora do convencional, a divisão geográfica cria uma divisa entre o mundo dos “superiores” e dos “inferiores” evitando que haja “contaminação”

dos primeiros pelos segundos (KILOMBA, 2019), ou seja, segrega os povos de acordo com sua raça - a chamada segregação sócioterritorial. Poderia também ser entendida como étnicoracial ou étnicoterritorial?

Darcy Ribeiro entende que a organização territorial é produto de disputas geradas pela estratificação social brasileira, resultantes do período escravocrata, e em princípios mantidos no pós-abolição. Aquela, foi estabelecida ao longo da história, e criou mecanismos de privilégios que facilitam a vida de uma fração da sociedade, e, em contrapartida, os outros são segregados (RIBEIRO, 1995).

Para Giselly Barros Rodrigues, a segregação gerou impactos à população negra, essa desigualdade destinou à eles a marginalização, separando e isolando os indivíduos de renda baixa - que em sua maioria são negros - às periferias e os indivíduos de classe alta - os brancos - aos bairros nobres (RODRIGUES, 2018). Da mesma forma que os dividiram, também impediram de terem contato com os recursos e bens que somente os brancos possuem sem uma forma de se contrapor, sendo esse modo de reassegurar a supremacia branca na sociedade (KILOMBA, 2019).

O território pode ser entendido de múltiplas formas, para Maurice Godelier (1984) o território é como um fragmento da natureza, isto é do espaço, em que certa sociedade se aloca, e garante que todo ou parte de seus membros possuam direito sobre os recursos encontrados, e a permissão de que esse espaço possa ser explorado pelos mesmos. Enquanto Rogério Haesbaert (2002) - nas discussões mais atuais - entende o conceito de território de uma forma mais abrangente, no qual ele participa de modo direto ou indireto nas relações cotidianas, com base em suas fronteiras, fluxos e rugosidades. Dessa forma apreende-se o conceito de território como um espaço de pertencimento.

Nesse sentido Sommer (2005) aborda a ligação do território ao espaço abstrato afirmando:

O espaço analítico abstrato é materializado no espaço-território: espaço concreto, dominado, instrumento de controle e exploração; espaço diferentemente apropriado concreta e simbolicamente através do qual se produzem símbolos, identidades e uma multiplicidade de significados que operam em conjunto com funções estratégicas, variando conforme o contexto em que são construídos (SOMMER, 2005, p. 36).

Quando o território pode ser entendido a partir das relações sociais e como espaço de pertencimento criando símbolos e identidades podemos perceber alguns territórios que são marcados pelas sociabilidades negras, nestes ocorrem encontros como rodas de samba, rodas de capoeira, ensaios de escolas de samba e até os chamados fluxos de funk por exemplo, fortalecendo a identidade, cultura e memória do povo negro. Lélia Gonzalez utiliza o termo “amefricanidade” explicando que o termo incorpora o intenso movimento cultural afrocentrado a partir do processo histórico de diversos países em diáspora, em que houve adaptação e reinvenção cultural (GONZALEZ, 1988). Estas sociabilidades negras serão melhor estudadas e abordadas na segunda parte desta pesquisa que está em andamento com previsão de término para janeiro de 2022.

Neste trabalho buscamos não só pesquisar os territórios negros, cultura, identidade, memória e história, mas também criar uma narrativa decolonial conforme citado anteriormente na metodologia. Neste sentido utilizamos 14 publicações - na construção do referencial teórico até aqui - de 13 autores e autoras em sua maioria negros, latino-americanos, afro-brasileiros, africanos e mulheres. Conforme demonstra a Tabela 1, dos 13 autores utilizados: 6 são mulheres (46%), 8 negros (61%), 10 brasileiros (77%), 2 africanas (15%) - sendo uma delas também portuguesa - 38% (5) dos autores são brancos e 1 europeu (2 se considerarmos a autora com dupla cidadania), ainda assim um pouco mais da metade dos autores são homens 54% (7). Destacamos que esta tabela foi gerada a partir das fotografias dos autores e autoras encontradas no Google, ou seja, tanto a etnia racial quanto o gênero foi baseado pelas imagens encontradas e não pela autodeclaração de cada autor.

cabe ressaltar que a luta antirracista deve estar também associada a luta por igualdade de gênero - focada então na interseccionalidade - nesse sentido as pesquisadoras buscaram utilizar mais autores e autoras fora do eixo europeu masculino branco na tentativa de combater o racismo e sexismo científico. Além disso, as autoras - orientadora e orientanda (Figura 1) - responsáveis por esta pesquisa, são mulheres pretas afro-brasileiras que atuam em uma área elitista - Arquitetura e Urbanismo - onde o número de profissionais ou estudantes negros é minoria e as mulheres tem as menores remunerações, onde as pretas encontram-se na base da pirâmide salarial de acordo com o o último censo do CAU (Conselho de Arquitetura e Urbanismo) de 2020. Criar esta narrativa a partir das nossas vozes pretas utilizando os autores elencados no referencial teórico é também uma forma de evidenciar as vozes e protagonismo negros contribuindo na luta contra o racismo e sexismo científico.

Tabela 1: Características dos autores e autoras utilizados no referencial teórico e obras utilizadas

	Nome Completo	Gênero	Raça	País	Artigo/Livro utilizado
1	Chimamanda Ngozi Adichie	Feminino	Negra	Nigéria	O perigo de uma história única
2	Deivison Mendes Faustino	Masculino	Negro	Brasil	Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Frantz Fanon
3	Maurice Godelier	Masculino	Branco	França	O ideal e o matêrial: pensamento, economias, sociedades
4	Lélia Gonzalez	Feminino	Negra	Brasil	A Categoria Político-Cultural da Amefricanidade
5	Rogério Haesbaert	Masculino	Branco	Brasil	Territórios Alternativos
6	Grada Kilomba	Feminino	Negra	Portugal, Nigéria, São Tomé e Príncipe	Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano, episódios de racismo cotidiano
7	José Rivair Macedo	Masculino	Negro	Brasil	O pensamento africano no século XX
8	Abdias Nascimento	Masculino	Negro	Brasil	O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista; Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes
9	Darcy Ribeiro	Masculino	Branco	Brasil	O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil
10	Raquel Rolnik	Feminino	Branca	Brasil	Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro
11	Giselly Barros Rodrigues	Feminino	Negra	Brasil	Aberto ao público? Espaços privados de uso público em São Paulo e Nova York
12	Milton Santos	Masculino	Negro	Brasil	Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia
13	Michelle Farias Sommer	Feminino	Branca	Brasil	Territorialidade negra urbana. A morfologia sócioespacial dos territórios negros urbanos segundo a herança histórica comum

Fonte: Autoras, 2021



FIGURA 1. Fotos das autoras (orientadora Giselly Barros e orientanda Beatriz Santana)

Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2021

CONCLUSÕES (PARCIAIS)

Uma sociedade que é fortemente pautada pelo racismo, tem visivelmente em seu território muitas marcas, e estamos em busca da compreensão de como os negros marcaram e marcam os espaços, criando seus territórios, marcando sua presença nas cidades. Os espaços-territórios negros segundo Sommer (2005) possuem simbologia

capaz de representar a memória coletiva, o estudo sobre eles é capaz de resgatar - ou construir - um segmento da identidade negra que sempre tentaram apagar.

De acordo com Abdias Nascimento para o vislumbre de um futuro melhor para a população negra no Brasil, sem as amarras do pensamento colonial, é necessária uma organização e mobilização coletiva para a construção teórico-científica, edificando assim a ciência histórico-humanista, que sintetize e interprete não só as experiências da população negra mas também suas necessidades da edificação de sua identidade (NASCIMENTO, 2002).

Entendemos que parte desta identidade é resgatada pela retomada da memória negra a partir do protagonismo de seu corpo, apenas como centro de estudo e não mais marginalizado. É necessário lutar contra essa constante tentativa de colocar o corpo negro como “o outro”, ele não quer mais ser colocado nesse “não lugar”, não quer buscar eternamente por pertencimento. Como explica Kilomba (2019) colocar o sujeito negro nesse lugar de “outro” tem como função o resgate de uma ordem colonial ausente.

A partir das ideias apresentadas, nota-se uma necessidade de colocar o corpo negro como protagonista de sua própria história, Nascimento (1997) destaca a ideia da população negra escrever a própria história, a partir de sua própria identidade e singularidade, para poder se entender e também se legitimar, para que não corra o risco de ouvir e acreditar em histórias distorcidas, perpetuando crenças coloniais. Neste sentido, criamos uma narrativa decolonial a partir da maioria de autores negros, mulheres, latino-americanos, afro-brasileiros e africanos.

Conforme citado anteriormente esta pesquisa está em andamento e tem previsão de término em janeiro de 2022 onde buscaremos observar alguns territórios a partir das sociabilidades negras na cidade de São Paulo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de São Paulo por nos contemplar com a bolsa PIBIFSP, a professora orientadora por dar todo o auxílio e orientação, aos amigos e familiares pelo apoio.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Companhia das Letras, 2019.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Frantz Fanon. V Simpósio internacional lutas sociais na América Latina. “Revoluções nas Américas: Passado, presente e futuro”, p. 216-232, 2013.
- GODELIER, Maurice. O ideal e o material: pensamento, economias, sociedades. Fayard, Paris 1984.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, nº. 92/93 (jan./jun.). 1988.
- HAESBAERT, Rogério. Territórios Alternativos. São Paulo: Editora Contexto, 2002.
- KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano, episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- MACEDO, José Rivair. O pensamento africano no século XX. 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2016.
- NASCIMENTO, Abdias. O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista, 2002.
- NASCIMENTO, Abdias. Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes. Revista THOTH Escriba dos deuses, n. 5, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. Revista de Estudos Afro-Asiáticos, v. 17, p. 1-17, 1989.
- RODRIGUES, Giselly Barros. Aberto ao público? Espaços privados de uso público em São Paulo e Nova York. Tese de doutorado Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2018.
- SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec: São Paulo, 1988.
- SOMMER, Michelle Farias. Territorialidade negra urbana. A morfologia sócioespacial dos territórios negros urbanos segundo a herança histórica comum. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre: junho de 2005.